

MARTA SFREDO

VER PERFIL ▾



Balanço de riscos • Notícia

Por que os juros do crédito subiram no país em novembro

Custo dos empréstimos aumenta diante de cenário marcado por aperto monetário

26/12/2025 - 18h37min



ANDERSON AIRES

O jornalista Anderson Aires colabora com a colunista Marta Sfredo, titular deste espaço.



Inadimplência também pesa no custo do crédito

PPR109103 / adobe.stock.com

Os mais recentes dados sobre o crédito no país, divulgados nesta sexta-feira (26) pelo Banco Central (BC), mostram com clareza os efeitos **do aperto monetário em curso no país**. Em novembro, a taxa média de juros na concessão de crédito livre (aqueles definidos pelo mercado) para pessoas físicas e jurídicas chegou aos **46,7% ao ano**. No mesmo mês do ano passado, o percentual estava em **40,9%**.

É de se esperar que o custo dos empréstimos avance em um cenário com o **juro básico acima dos dois dígitos** há quase três anos no país.

E isso está de acordo com a estratégia do BC, que busca colocar a inflação mais perto da meta. Com crédito mais caro e restrito, a demanda desacelera, deixando os preços mais comportados. O famoso remédio amargo agora para curar lá na frente.

Mas, além da Selic elevada, outras questões também ajudam a explicar a escalada dos juros para concessão de crédito no país.

O economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, afirma que o balanço de riscos das instituições, pressionado por **inadimplência ainda alta** e **questões fiscais**, também pesa nesse processo de encarecimento do crédito:

— Você tem um cenário macroeconômico ainda com elevado nível de risco no cenário, principalmente por questão fiscal. É uma preocupação do mercado financeiro, dos bancos. Então, naturalmente, eles sobem os juros.

Ou seja, as instituições financeiras se protegem em meio ao maior comprometimento da renda das famílias com dívidas, contas atrasadas e incertezas sobre o controle de gastos do governo. Estimam risco no futuro e procuram alternativas no presente para mitigar eventuais perdas.

Desaceleração gradual

Agostini avalia que, mesmo com essas adversidades, o mercado de crédito segue aquecido no país, o que banca a resiliência ainda verificada na economia brasileira.

E isso pode ser encarado por um viés de certa forma positivo. Mesmo com o juro em patamar elevado, o crédito segue financiando a economia do país. Por isso, verificamos uma desaceleração lenta e gradual, sem tombo generalizado, que seria pior para o país, segundo o economista.

Leia mais na coluna de [Marta Sfredo](#)

 GZH Faz Parte Do The Trust Project

SAIBA MAIS

Mais sobre:

selic

inflação